

# Centro de Estudos Bahianos

---

---

ANGELA MARIA A. MARTINS VIANA

## Lápides da Igreja de Santa Teresa



**SALVADOR-BAHIA**

**PUBLICAÇÃO**

15 DE ABRIL, DE 1960

**39**

#### CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

Por um descuido que se vinha mantendo desde a Publicação n. 37, omitira-se a data em que as mesmas tinham sido publicadas. Tal falha, nesse lance, é corrigida, fixando-se como data exata das publicações o dia 15 de cada mês, dia em que, pontualmente, é a mesma distribuída com os associados do Centro de Estudos Bahianos e entregues à aquisição pelo público.

Esclarecendo ainda aos que se interessam pelos seus impressos, o Centro de Estudos Bahianos avisa que se acham expostos à venda, na Secção de Publicações da Imprensa Oficial do Estado, a preço popular, os três últimos números de Publicação

032  
1614



## LAPIDES DA IGREJA DE SANTA TERESA

A Igreja e o Convento dos Terésios, recentemente reconstruídos pelo convênio entre a Arquidiocese da Bahia e a Reitoria da Universidade, com a aprovação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, remonta ao século XVII, quando os «Carmelitas descalços», também chamados Terésios ou Marianos, aqui se vieram estabelecer e concorrer com sua ação religiosa para a extensão do reino de Deus, na prática e na observância da doutrina carmelita, reformada por Sta. Terese d'Ávila e S. João da Cruz.

Acêrca da Igreja e do Convento escreveu o contemporâneo de sua construção e historiador SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA, em sua «História da América Portuguesa»:

«Anno de 1665 — Fundação dos religiosos da gloriosa Madre Santa Theresa de Jesus — Virtude dos seus Fundadores. No anno de mil e seiscentos e sessenta e cinco, segundo do Governo do Conde Vicc'Rey, vierão fundar Casa na Bahia os Filhos da gloriosa Madre Santa Theresa de Jesus, aquelle portento da Santidade, e prodigio do entendimento, a quem os arpoons do Amor Divino, trespassando o coração, lho deixarão vivo, para animar pelo Mundo Christão a toda a sua Sagrada Familia, deste o Convento de Avila, onde está respirando alentos. Foy o primeiro Prior e Reverendo Padre Fr. Joseph do Espirito Santo, conduzindo por Companheiros e Conventuaes para a fundação aos Reverendos Padres Fr. Manuel, e Fr. Innocencio de Santo Alberto, Fr. João das Chagas, e o Irmão Francisco da Trindade; em todos resplandecia o espirito da Reforma da sua insigne, e Santa Instituidora, na observancia dos seus Estatutos, e no exemplo da sua penitencia, com grande aproveitamento das almas na Bahia, e geral aceitação, e aplausos de todos os moradores dellas, e do seu reconcavo, concorrendo com grandiosas esmolas para fabricarem a sua Igreja, e Casa.



Edificarão primeiro hum Hospício — edificarão primeiro hum Hospício no sitio, a que chamão Preguiça, summamente agradável, e visinho ao mar: Era devotissimo Santuario, onde florecendo aquelles Religiosos em todo o genero de virtude, fazião uma vida Angelica; estando no coração da Cidade, parecião habitadores do ermo, e ao mesmo tempo não faltavão ao concurso dos Fieis, ou na sua Igreja, ou conduzidos as casas dos enfermos, onde era necessaria a sua assistência, solicitada com anciã de todos os que se achavão em perigo de morte, dos quaes alcançavão muitos a saude pela intercessão com Deus, e com sua Mãe Santissima Nossa Senhora do Carmo.

Depois hum sumptuoso Convento — pelo curso do tempo augmentando-se as esmolas, erigiram em outro lugar visinho ao primeiro, porém mais imminente, e eleváo com vistas do mar mais dilatadas, hum sumptuoso Convento dos mayores, que tem a sua Provincia de Portugal, com . . . . grandissima, e bem cultivada cerca, e com estes commodos cresceo a sua Communitade em numero de Frades. Tiverão pelo Carvão varias missões, dos quaes conservão ainda a de Masarandupio, em que tem huma Igreja do glorioso Padre S. João da Cruz».

Agora que a Igreja e o Convento dos Terésios são reentregues ao culto religioso e à Arte da Bahia, em sua primitiva beleza architectônica e guardando em seu recinto os mais bellos e raros objetos de arte sacra, magistralmente trabalhados por artistas portuguezes e brasileiros da época colonial, não só isso, mas tudo quanto se encontra em seu interior e em seus arredores vai despertando, dia a dia, a curiosidade de quantos os visitam.

Nós, por exemplo; na penumbra do templo, divisamos algumas lápides mortuárias, que muito nos chamaram a atenção. Quem fôram aquelles que ali estão enterrados? Com certeza gente importante das freguesias de S. Pedro e Conceição da Praia, onde residia a população de elite, que era enterrada «à noite, com pompa e em caixão», conforme consta de alguns livros da Cúria do século XVIII, acompanhada de 15 ou mais padres, levando-os que a seguiam velas acesas, à semelhança do que hoje se faz nas procissões noturnas.

Para satisfazer nossa curiosidade, pesquisamos no fichário genealógico da Prof.<sup>a</sup> Anfrisia Santiago, secção de atestados de óbitos e outros informes acêrca das inscrições tumulares encontradas em a nave da Igreja e nas paredes do claustro, com a seguinte ordem cronológica:

1672 — Numa das paredes do claustro, em grande lápide de mármore com respectivo braço episcopal, encontra-se a sepultura de D. ESTEVAM DOS SANTOS, com os seguintes dizeres:

«Sepultura de D. Estevam dos Santos do Conselho de Sua Mage. e Bispo d'êste Estado do Brasil. Faleceu em 6 de Julho 672 cõ circumstancias tão miraculozas em sua morte q «qualificarão a grande opinião das muitas virtudes q teve em sua vida»

D. Estevam dos Santos, Cônego Regente de S. Vicente de Fora, foi o primeiro Bispo nomeado por Clemente X para os Estados de Portugal, após a paz feita com a Espanha. Chegou à Bahia em 15 de abril de 1672 e faleceu em 6 de julho do mesmo ano.

Estas notas fôrão tiradas das Cartas Soteropolitanas de Vilhena, que afirma ter sido D. Estevam sepultado na Capela Mor da Sé. Essa afirmativa de Vilhena é verídica, pois só recentemente foi a lápide transportada e assentada no claustro do Convento de Santa Teresa.

Sepultura de Franc. de Epina e sua mulher D. Anna Maria de Mendonssa e de seus herdeiros. Faleceu em 4/2/1701.

Nada conseguimos em nossas pesquisas sôbre o que se refere a Francisco de Epina e sua família.

«Sepultura de Custodio Barbosa de Morim e de sua mulher Margarida de Oliveira Aranha que faleceu em 18 de Março de 1701 e de seus herdeiros.

Perpetua».

Nenhuma informação foi encontrada.

1704 — Francisco Lamberto, lápide encontrada em frente ao altar-mor com o seguinte epitáfio:

«Jas aqui o grande peccador Francisco Lamberto o indigno Provedor Mor da Fazenda Real d'êste Estado e das mais obras que nelas servio do ano de 1682 the o de 1704 em que faleseo.

Pede a quem passar se lembre de sua alma».

Não fôram encontrados dados biográficos.

9/9/1711 — Jerônimo Sodré Pereira — É a seguinte a inscrição tumular:

«S<sup>a</sup>. do mestre de campo Jeronimo Sodré Pr<sup>a</sup>. e de Seus Herdeiros. Falleseo em 9 de Novembro de 1711.»

O mestre de campo JERONIMO SODRÉ PEREIRA filho terceiro de . . . . Fernão Sodré Pereira, senhor de Aguas Belas, e de sua mulher Brittes Tibão, veio de Portugal para a Bahia, onde se casou duas vêzes: a primeira com D. Maria . . . . . e pela segunda vêz com D. Francisca de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão, irmã do Alcaide Mor da Bahia, Francisco de Aragão. (Jaboatão).

O Mestre de Campo Jerônimo Sodré Pereira foi o tronco da grande familia dos Sodrés da Bahia, e deu o nome a rua onde residia, que é a mesma onde está situado o Convento de Santa Teresa.

1721 — Em frente ao altar de Nossa Senhora da Conceição, a esquerda de quem entra na Igreja encontra-se:

«Sepultura do Coronel Domingos da Costa de Alm. da Guarda Mór da Alfandega desta Cidade e de sua mulher D. Brittes da Rocha Pitta e de seus descendentes na qual está sepultado seu pai o Tenente General Rodrigo da Costa de Almeyda. Provedor da mesma Alfandega».

Encontramos, no Arquivo do Colégio N. Sra. Auxiliadora o seguinte atestado de óbito:

«Aos quatro dias do mez de Novembro de 1758 falleceo da vida presente nesta Matriz de S. Pedro o Cel. Domingos da Costa d'Almeyda, cavalleiro professo da Ordem de Christo, viúvo de D. Brittes da Rocha Pitta, com que foi casado in facen Ecclesiam, filha do Cel. Sebastião da Rocha Pitta, fidalgo da Casa de sua Magestade, cavalleiro professo da Ordem de Christo, já defuntos. Era natural da cidade de Loanda do Reyno de Angola filho do Ten. General Rodrigo da Costa de Almeyda cavalleiro professo, natural da Cidade de Lisbôa e de sua mulher D. Anna Duque, natural de Loanda e ambos defuntos. Falleceo sem sacramento por morrer repentinamente, sem testamento.

Tem do dito matrimonio com que foi unicamente casado a (1.º) Rodrigo da Costa de Almeyda, cavalleiro professo da Ordem de Christo, primogenito; segundo — Alferes da Infantaria desta praça Sebastião da Rocha Pitta, já defuncto; terceiro — João da Rocha Pitta religioso calçado de N. S. do Monte do Carmo; quarta — D. Thereza Josepha do Sacramento; quinta — Dona Anna Maria do Sacramento, religiosas do Convento de Santa Clara desta Cidade; Sexta — D. Isabel Joachina de Aragão, casada com o Dr. Alcayde Mór José Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da Casa de sua Majestade; septima — D. Francisca do Livramento, tambem religiosa do Convento de Sta. Clara. Foi sepultado com licença de S. Excia. Revma. na Igreja dos Religiosos de Santa Thereza de Jesus, amortalhado no habito de cavalleiro.

Este assento foi lançado desta forma por despacho do Reverendo Doutor Deam Provisor — o Senhor Manoel Fernandes da Costa em fé da verdade me assignei in die supra.

O Coadjor João Lopes Corrêa. (Livro de óbito de S. Pedro — 1734 a 1759 — fls. 350).

O Tenente General Rodrigo da Costa de Almeyda casado com D. Anna Duque, moradora em Loanda faleceu nesta Cidade, freg.ª de S. Pedro em 12 de Nov.º de 1717. Era Provedor da Alfandega da Bahia. Fez test: Testam.º seu filho Coronel Domingos da Costa Almeyda. Sepultou-se em Sta. Tereza».

28/8/1735 — No claustro:

Aqui jaz o Exmo. Revmo. Snor. d.º Luiz Alz de Figueiredo do Cõso. de S. Magde. Bispo titular de Urapopolis Arceb.º da Bahia Primaz D'America faleceo nesta cid. e ê 28 d'ag.º de 1735 tendo de prelado 10 annos e de id. e 65».

Foi D. LUIZ ALVARES DE FIGUEIREDO clérigo do Habito de S. Pedro vigário Geral do Arcebispado de Braga e Bispo Coadjutor do Arcebispo D. RODRIGO DE MOURA TELES: foi designado arcebispo da Bahia, tendo tomado posse do arcebispado em 27 de novembro de 1725.

Vilhena, de cujas cartas soteropolitanas extraímos estas notas, diz que D. Luiz Álvares de Figueiredo fôra sepultado na Capela Mor da Cathedral da Bahia. Também nesse caso não são

exatas as afirmações do historiador, pois ocorreu com essa lápide o mesmo que acima nos referimos a respeito da sepultura de D. Estevam dos Santos.

22/6/1771 — Sepultura com a seguinte inscrição:

«O Ex.<sup>o</sup>. Remo. Sr. D. Manoel de S. Ignez Carmelita  
Descalço Bispo de Angola Arcebispo da Ba. e nela Cap. m.  
General por El Rei N. S. Flco. a 22 de junho de 1771».

O Exm<sup>o</sup>. Arcebispo Eleito da Bahia, D. Frei Manoel de Santa Inês, depois de ter sido Bispo de Angola, tomou parte no 8.<sup>o</sup> governo geral interino, por morte do marquês de Lavradio, por carta de 15 de abril de 1761, de parceria com o Chanceler José de Carvalho de Andrade e o Coronel mais antigo Gonçalo Xavier de Barros Alvim. Administrou essa junta o Governo até 25 de março de 1766, sendo que o Arcebispo se incorporou a 1.<sup>o</sup> de agosto de 1761. Nesse meio tempo foi a Capital mudada para o Rio de Janeiro. D. Frei Manoel de Santa Inês tomou novamente posse do Governo Político e Militar da Bahia em 1.<sup>o</sup> de novembro de 1767, por carta de 10/4/1767, permanecendo no cargo até 19 de abril de 1768.

1782 — Sep. de Manoel Ferreira Alves e de sua mulher e seus filhos.

Acêrca dos que repousam sob essa lousa e de seus descendentes nada conseguimos apurar.

— No Claustro:

«Aqui Jaz o Exmo. Rmo. Snr. Dr. Fr. Antonio Correa  
Arcebispo Metropolitano da Bahia.

Da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho  
que falleceo em 12 de Junho de 1802».

«D. Fr. Antonio Correa Religioso Graciano de Santo Agostinho e atual Arcebispo da Bahia. Tem êste exemplar prelado sido incansavel na reforma dos Religiosos tendo a consolação de ver nelles admiraveis frutos de seus trabalhos e disvellos, de forma que hoje são verdadeiras casãs Religiosas o que antes nem mereciam o nome de Convento e Recolhimentos de Freiras por cerimonia».

(Vilhena — Cartas Soteropolitanas)

Em 1802, quando morreu esse bispo, escrevia Vilhena ditas «Cartas Soteropolitanas».

15/4/1803 — Em frente ao altar de S. José, ao lado direito do altar-mor, encontra-se a campa em que está sepultado Bernardino José Cavalcante de Albuquerque, encimada do seu braço de armas, com o seguinte epitáfio:

«Sepultura de Bernardino José Cavalcante de Albuquerque de Aragão sua mulher D. Maria Antonia Ricarda de Moraes Sarmento e Aragão seus filhos e descendentes. Cavalleiro da ordem de Christo coronem do Regimento de Milicias das três villas Caxoeira, Maragogipe, Jagoarips desta Capitania da Bahia fallecido em 15 de Abril de 1803.»

Bernardino José Cavalcante de Albuquerque grande proprietário no Iguape, Senhor do morgado de Imbiara, casou-se com D. Maria Antônia Ricarda de Moraes Sarmento em 26 de março de 1793, na freguesia do Iguape. Era filho legítimo do Capitão-mor José Garcia Cavalcante de Albuquerque e D. Maria de Araújo Pereira. Sua mulher, filha legítima do Capitão-mor Francisco Maria de Sá Barreto de Moraes Sarmento e D. Leonor Pereira Marinho Falcão.

São seus descendentes diretos, entre outros, Dr. Paulo Mangabeira Albernaz, filhos, e netos.

No arquivo genealógico da Profa. Anfrisia Santiago ainda encontramos os registros de óbitos que se seguem e nos informam que na Igreja de Santa Teresa foram enterradas também outras pessoas de grande relêvo na sociedade baiana, tendo desaparecido as lápides que indicariam sua última morada.

Aqui vão registrados:

«Aos 23 de fevereiro de 1706 faleceu na Frega. de S. Pedro Brittes da Rocha, viúva de João Velho Gondim, não fez testamento por morrer de morte súbita. Foi sepultada no convento de Santa Thereza.

O vig.º Francisco Pinheiro Barretto».

(Livro de óbitos de S. Pedro — 1702 e 1704 — fls. 18).

D. Brittes da Rocha Pitta foi a genitora do historiador... Sebastião da Rocha Pitta.

«Em 5 de dezembro de 1713 faleceu Thereza Pitta Cavalcante, filha de Sebastião da Rocha Pitta e sua mulher D. Anna Cavalcante. Recebeu todos os sacramentos da Igreja e foi sepultada em o Convento de Santa Thereza de Jesus.

O vig.º Mel Ribeiro Caldas».

«Aos 3 dias do mez de novembro de 1738 falleceo da vida presente nesta Matriz de S. Pedro da Cidade o Coronel Sebastian da Rocha Pitta, viuvo de D. Anna Cavalcante de Albuquerque, natural desta Cidade e batisado na Freguesia da Santa See, filho legítimo de Joan Vieira Gondim e de sua mulher D. Brittes da Rocha Pitta, já defuntos; de idade de setenta e oito annos pouco mais ou menos, com todos os sacramentos. Não fez testamento e foi sepultado de minha licença na Igreja dos Carmelitas descalços e amortalhado em o habito de cavalleyro da Ordem de Christo, em fé da verdade me assignei die ut supra.

O Vigário Bernardo Pinh.º Barretto».

Sebastião da Rocha Pitta foi fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavaleiro Professo da Ordem de Christo, Coronel do Regimento de Ordenança da Cidade da Bahia e dos Privilégios dela, membro supranumerário da Academia Real de História Portuguesa. Nasceu na Bahia a 3 de maio de 1660. Escreveu a História da América Portuguesa desde o ano de 1500, do seu descobrimento, até o de 1724.

Ainda no arquivo do Colégio N. Sr.ª Auxiliadora, encontramos a cópia do atestado de óbito de Luiz dos Santos Vilhena, o autor das «Cartas Soteropolitanas», de que nos utilizamos neste trabalho. Abrindo o 1.º volume das «Cartas», encontramos sobre Luis Vilhena o que a seu respeito escreveu o ilustre historiador baiano Dr. Braz do Amaral, na sua comunicação à Academia de Letras da Bahia, logo após ter encontrado na Biblioteca Nacional o manuscrito inédito das «Cartas». Diz o Prof. Braz do Amaral que Vilhena «foi aqui na Bahia professor de lingua grega e aqui passou muitos annos, pois tinha sido provido em sua cadeira em 1787 e em 1798 pedia para ser prorogado por outro periodo de seis annos, igual ao da primeira investidura, o que lhe foi concedido pela Rainha D. Maria I». Diz ainda o Prof. Braz do Amaral que «em 10 de Dezembro de 1799, Luiz Vilhena embarcou para a Europa, com sua mulher, por haver obtido licença para ir à côrte, donde se presume que lá tivesse morrido».

O Prof. Braz do Amaral fala ainda muito sôbre Vilhena, grande admirador que foi de sua obra, que copiou na integra na Biblioteca Nacional e cuja publicação conseguiu. Um outro tópico de sua autoria, referente a Vilhena: «Do seu nascimento nada consegui saber nem sequer do lugar onde viu a luz. De sua morte também nada sei, nem do lugar que êle morreu, nem da idade que tinha quando a sofreu, nem qualquer circunstância outra sôbre os últimos momentos de sua existência. Sei apenas que era casado, mas não se encontra menção do nome de sua mulher, nem de seus filhos, se os teve...»

Antes de morrer, teve o Prof. Braz do Amaral a satisfação de conhecer êsses pormenores, por comunicação feita pela Profa. Anirisia Santiago ao Centro de Estudos Baianos, quando do achado do atestado de obito de Vilhena:

«Em 29 de junho dêste anno (1814) faleceo da vida presente com todos os sacramentos Luis dos Santos Vilhena, de idade de 70 annos, natural da villa de S. Imago de Cassino, casado com D. Maria Antonia, foi sepultado no Convento de S. Thereza, no habito do Carmo, com seu testamento solemne, em que deixa pr. herdeira, e testamenteira sua mulher, deixa doze Missas de corpo presente e mais outras, do que riz este acento, que assignei.

O Vig.º Marcos Antonio de Souza.

(Livro de óbitos da Vitória 1810-1845, fls. 37).

Também foi encontrado o atestado de obito da viúva de Vilhena, o qual abaixo transcrevemos:

«Em nove de Dezembro de mil e oitocentos e dezasete faleceo da vida presente com todos os Sacramentos D. Maria Antonia Vilhena viuva de Luiz dos Santos Vilhena, de idade de quarenta e cinco annos, e foi sepultada no Convento de Sta. Thereza em mortalha do Carmo, com seo testamento solemne; no qual manda celebrar hua capella de missas na Igreja da Piedade, outra capella de missas em S. Thereza e outra capella tudo por su'alma na freguesia da Victoria e mais dez missas por alma de seus paes instituiu por herdeiros e testamenteiro o chanceller José Joaquim Nabuco de Araujo, ao Convento de N. S. da Piedade, o escravo Tobias a D. Anna, filha do Dezembargador Osorio hum criolinho por nome João



Baptista para lhe servir por quinze annos. Quartados em cem mil reis os dois escravos Rafael e Gabriel, liberta a escrava Fortunata e o filho Eduardo.

Deixa a N. S. do Carmo de Sta. Thereza os seus brincos de diamantes rosas por esmola da sepultura.

Deixa a D. Leonor Osorio hum anel de brilhantes.

Deixa a D. Gertrudes Madureira outro anel de diamantes rozas; a D. Maria de Madureira a prata do seo uzo, a D. Joana Osorio o relógio da meza, a D. Maria filha do capitão Jeronymo Xavier os seus ornatos; a Consuleza D. Anna Joaquina, um chale bordado de prata; a Pedro Barbosa a cama mais grande, a Maria Valentina do Nascimento por paga de seu serviço, huma duzia de cadeiras de palhinha huma marquezia de mesmo; duas banquinhas redondas e quatro mil reis; a Jeronymo por causa do serviço quatro mil reis e a sua filha Maria, alguma roupa do seu uzo. Manda distribuir por pessoas miseraveis a pouca roupa de seu uzo, principalmente a familia de Manoel Joaquim, a viuva Maria e manda distribuir com os pobres o Ordenado da Fazenda real que estiver vencido. No codicillo acrescenta que a escrava Gertrudes dando sessenta mil reis fique logo livre e o seo criolinho João Felipe fique em companhia de João Barboza Madureira a Freguezia da Victoria vinte mil reis em dinheiro de huma colxa e mais secenta mil reis ao vigario para distribuir com pessoas miseraveis.

Morreo de Hydoprisia no peito, do que se fez assento que assignei.

O Vig.º Marcos Antonio de Souza»

(fls. 69 a 70)

---

— FONTES DE INFORMAÇÕES —

Lápides funerárias — Igreja e claustro de Sta. Teresa  
História da América Portuguesa — Sebastião da Rocha

Pita

Cartas Soteropolitanas — Luiz dos Santos Vilhena

Arquivo da Cúria da Bahia

Arquivo do Colégio N. S. Auxiliadora

Revista do Instituto Genealógico da Bahia — n. 7.

## PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDO BAHIANOS

- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Prof.<sup>a</sup> Anfrisia Santiago — **Esgotado.**
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil (Docs. de 1733) — Afonso Rui — **Esgotado**
- 3 — Um Discurso de Sílvio Romero — José Calasans — **Esgotado.**
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser — **Esgotado.**
- 6 — O Cacau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Albertô Silva — **Esgotado.**
- 8 — Um Depoimento Diplomático (Correspondência do cônsul americano da Bahia — 1821 — 1823) — Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 10 — O Processo dos Eclesiásticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 11 — Estadistas Baianos do Império — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 12 — Um Documento Inédito sôbre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 13 — Padroeiro da Cidade do Salvador — José Lima — **Esgotado.**
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — José Calasans — **Esgotado.**
- 15 — Sobre a Campa Brazonada no Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um Diário Inédito da Bahia no Século 17 — O Galeão
- 17 — “Nossa Senhora do Populo” — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado.**
- 18 — Contribuição ao Estudo das Sesmarias — Waldemar Matos — **Esgotado.**
- 19 — Contribuição ao Estudo dos Morgados no Brasil — Cid Teixeira — **Esgotado.**

- 20 — O Forte que foi arrematado em Hasta Pública — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um Agitadõr Baiano : Cipriano José Barata — Afonso Rui
- 22 — Contribuição ao Estudo do Ciclo das Festas Tradicionais — Antônio B. Príncipe — **Esgotado**.
- 23 — O Pregoeiro da República (Virgílio Clímaco Damázio) — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 24 — A Bahia de 1676 vista por um Médico Francês — Arnold Wildberger — **Esgotado**.
- 25 — Crônicas da Bahia — Antônio Viana
- 26 — Esplendor e Agonia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902) — Arquimedes Pereira Guimarães — **Esgotado**.
- 27 — Romanceiro Político Nacional — José Calasans — **Esgotado**.
- 28 — A Lenda de Sumé na Historiografia Bahiana — Alberto Silva — **Esgotado**
- 29 — O Engenheiro Jesuíta Stafford — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado**.
- 30 — Arte Brasileira (Bibliografia Comentada) — José Valadares — **Esgotado**.
- 31 — O Sítio do Arraial e da Sepultura de D. Marcos Teixeira — Monsor. Manuel de Aquino Barbosa.
- 32 — A Bahia nas Côrtes de Lisboa — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 33 — A Proclamação da República na Bahia — (Aspectos folclóricos) — Hildegardes Viana.
- 34 — Primórdios do Ensino da Química na Bahia — Arquimedes Pereira Guimarães.
- 35 — Festas populares da Bahia — Joaquim de Sousa Brito.
- 36 — Dois Caudilhos — Frederico Edelweiss.
- 37 — Curiosidade da Cidade do Salvador — George Abreu
- 38 — A Bahia nos Gabinetes Ministeriais da Monarquia — Deolindo Amorim.

---

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral Dr Afonso Rui, à Praça Almeida Couto n. 9 — Bahia.